

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE FEVEREIRO DE 1982



European Nazarene
Bible College
Library



Construções tradicionais incluem sempre a *porta dos fundos*. "É uma conveniência", dizem todos; "Oferece alternativas", justifica-se ainda; "Alivia o tráfico da entrada principal"; "Permite uma saída rápida e discreta. . . quando não se deseja receber alguém", confessam os mais desinibidos.

Outros argumentos de peso apoiam a *porta dos fundos*, também designada *entrada de serviço*. Deixem-na, pois, continuar a desempenhar a sua função necessária.

O que me faz pensar hoje nela é uma frase de alguém que aconselhava um amigo a ser menos arreigado à sua fé cristã, a não se comprometer ou identificar demasiado com a vida religiosa. Concluiu a advertência com esta expressão: "Deixa aberta a porta dos fundos!" Em outras palavras, não te comprometas tanto que não possas amanhã dar costas, airosamente, a tudo isto!

A filosofia é antiga. Gera, porém, uma pergunta crucial: "Quanta religião devo ter para minha segurança eterna?"

Grupos e escolas ocorrem logo para oferecer sugestões práticas. São até capazes de nos dizer—em dias, horas e cifras monetárias—o grau quantitativo de envolvimento religioso que devemos ter. O certo é que conseguem transmitir algum alívio de consciência aos que lhes atribuem autoridade de estabelecer o quando, o como, o quanto e o onde da nossa adoração a Deus. . . Daí, serem perigosas tais organizações, pois reservam aos seus membros uma surpresa fatal. Quando náufragos do super-couraçado alemão *Bismarck* foram recolhidos, muitos se achavam em estado de choque e seriamente perturbados. Um jovem marinheiro assim se expressou por todos: "Tinham-nos garantido que este barco era invencível! . . ."

O pecado afecta a vida total do homem: a saúde física, as faculdades mentais; afectos e sentimentos; recursos e poses de cada indivíduo. Nada se furta ao seu poder destruidor.

É frequentemente comparado à doença que não se deixa isolar e curar.

Em I Tessalonicenses 5:23, o apóstolo Paulo lembrou aos cristãos a área de penetração e influência do Espírito de Cristo nos que O aceitam: "O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo".

Não há neste conceito uma *porta dos fundos*, um dispositivo que permita a fuga ditada por envolvimento ou lealdade parciais. Ou damos tudo a Deus, ou não Lhe damos nada. A despeito de milhões de estampas, quadros, estátuas e bustos representativos de Jesus Cristo, convém lembrarmos que Deus não nos enviou nem uma fotografia nem uma pintura ou imagem do Seu Filho: mandou-O em Pessoa, todo.

Jesus deu-Se inteiramente até à última gota de sangue. A única relação satisfatória e agradável a Deus é aquela que inclui cada e todos os aspectos da nossa vida. Na arquitectura espiritual elimina-se, pela suficiência eterna de Deus, a necessidade de uma saída de conveniência, a tal *porta dos fundos*.

Senhor, Tu que Te deste todo por nós, concede-nos a visão e a coragem de nós entregarmos totalmente a Ti.

Amém. □ —Jorge de Barros

a porta dos fundos

Foto por S. Ballentine



a segunda obra da santificação

—Eugene L. Stowe
Superintendente Geral

O *Manual* é explícito—“Cremos que a inteira santificação é aquele acto de Deus, subsequente à regeneração . . . operado pelo batismo com o Espírito Santo” (Artigo X, 13).

A Bíblia di-lo com clareza—“O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo” (I Tessalonicenses 5:23).

Este ensino da perfeição cristã tem sido desde o princípio a pedra angular da teologia wesleyana. Começa na regeneração ou santificação inicial, santidade pessoal; depois, continua naturalmente até à segunda crise da inteira santificação.

Mas esta doutrina começou realmente muito antes do século XVIII. Remonta-se ao Pentecostes. Nas últimas palavras mais significativas, Jesus recomendou aos Seus discípulos que permanecessem em Jerusalém onde receberiam o batismo do Espírito Santo (Actos 1:5). Eles já eram crentes. Cristo mostrou-o claramente em João 17. Aqueles por quem Ele orou tinham-se afastado do mundo para O seguirem. A confissão de fé de Simão Pedro que Ele era “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16), representava a aceitação do Seu domínio. O apóstolo João não deixa qualquer dúvida acerca do seu estado espiritual: “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus” (I João 5:1). Esses cristãos foram batizados no cenáculo com a plenitude santificadora do Espírito Santo. Aqueles que ensinam que os discípulos se converteram no Pentecostes contradizem a doutrina clara das Sagradas Escrituras.

Aliás, não há dúvida que Paulo estava a orar para que os cristãos de Tessalónica pudessem ser totalmente santificados. Ele endereça a primeira carta “à igreja dos tessalonicenses, em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo” (I Tessalonicenses 1:1). A igreja era a “ecclesia” os chamados de ou separados. Eram chamados a separar-se das práticas pecaminosas da sua cultura do primeiro século e a fazerem-se membros do Corpo de Cristo. Na sua carta Paulo chama-os, mais de onze vezes, “irmãos”. Essa era a fraternidade dos crentes que compunham a membresia da Igreja Primitiva.

E esta “segunda bênção, justamente assim chamada”, como Wesley se expressou, é para nós, hoje. Aqueles que nasceram genuinamente do Espírito estão aptos para o batismo com o Espírito Santo. A salvação total por nosso Salvador no Calvário provê a purificação de toda a injustiça. A consagração completa e fé na promessa do Pai capacitam o crente a receber a plenitude do Espírito Santificador.



Se você ainda não recebeu tal herança espiritual, confie por completo nesta certeza escriturística—“Fiel é o que vos chama, o qual também o fará” (I Tessalonicenses 5:24). Que Ele o faça hoje mesmo. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XI
Número 4
15 de Fevereiro de 1982

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES**, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



CAPA: Foto por J. B.



a santidade e a missão da igreja

—Loren W. Gould

Quando Cristo disse a Pedro, a André, a Tiago e a João: "... vos farei pescadores de homens", não se dirigia a jovens com uma cana de pescar que casualmente apanhavam algum peixe. Falou com homens que tinham puxado uma rede com peixe suficiente para afundar os barcos. Cristo dirigia-se a pessoas que tinham presenciado um milagre que as deixara atônitas.

Pode você imaginar o sentimento desses quatro pescadores, quando a realidade da promessa de Jesus começou a concretizar-se no Pentecostes e em dias subsequentes? Foram ganhos para Cristo homens, mulheres e crianças; uniram-se ao grupo não um ou dois, nem sequer dez; primeiro, três mil e, depois, cinco mil. Finalmente a Bíblia diz: "Multiplicando-se o número dos discípulos" (Actos 6:1).

Pedro e seus companheiros pescadores deviam emocionar-se ao testemunhar o impacto das palavras de Jesus: "Vos farei pescadores de homens". A promessa realizada na multidão era semelhante à "pesca milagrosa".

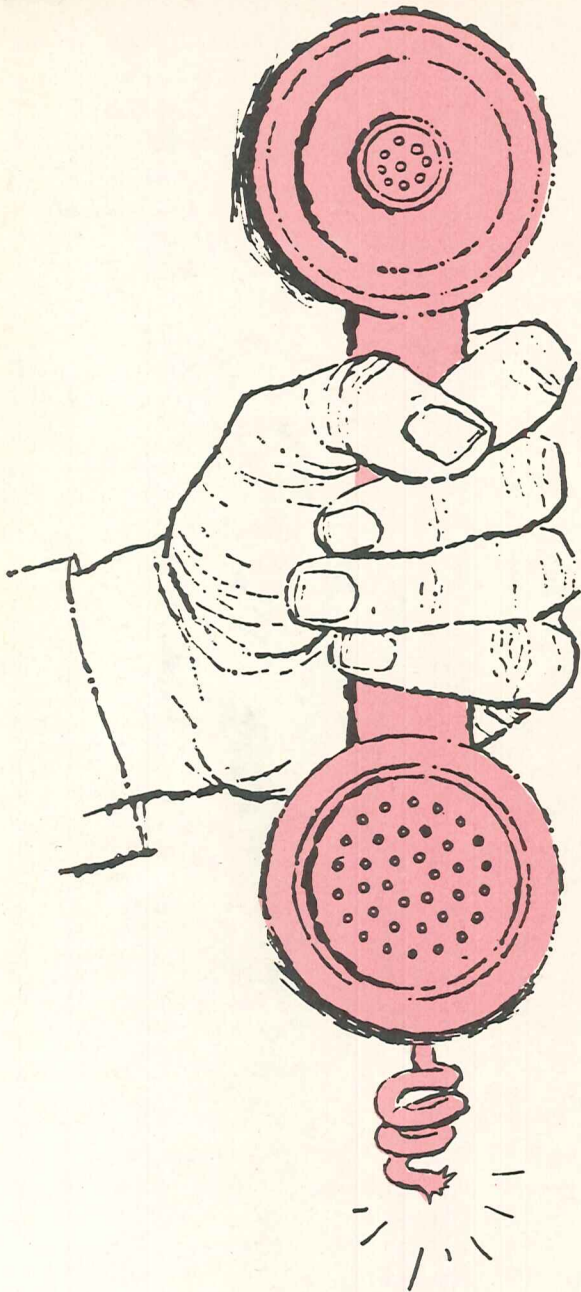
Cristo não só prometeu aos discípulos que os faria "pescadores de homens", mas também que proveria recursos necessários para o cumprimento dessa tarefa. Disse-lhes: "Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lucas 24:49). Mais tarde explicou-lhes esta promessa de poder: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas" (Actos 1:8).

O poder que transformou os discípulos em "pescadores de homens" foi o batismo com o Espírito Santo. A faculdade sobrenatural para conhecer os mistérios do futuro estava reservada a Deus (Actos 1:7). Porém, Ele concedeu generosamente à Sua Igreja cheia do Espírito Santo recursos para ganhar homens, mulheres, jovens e crianças para Cristo.

Hoje a igreja participa das mesmas promessas que Jesus fez aos primeiros discípulos: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mateus 4:19). Que espécie de "pescadores de homens" espera Deus que seja a Sua Igreja de hoje? Que seja como um grupo de meninos com canas de pescar que de vez em quando apanham algum peixe a pouca profundidade, junto à praia? Ou espera que sejamos uma igreja forte e capaz de se aventurar ao mar alto, onde se encontram os cardumes, para lançar a rede e obter pesca maravilhosa?

A missão da igreja é a mesma em todas as épocas: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações" (Mateus 28:19-20). A responsabilidade do cristão é a de ser pescador de homens. Mas só aqueles que se entregaram completamente a Cristo e que foram purificados e renovados pela plenitude santificadora do Espírito Santo estão prontos para ser "pescadores de homens", como na Igreja Primitiva.

A pregação, a experiência e a vida de santidade é que dão a resposta para o crescimento da igreja; constituem o poder para se cumprir, no nosso tempo, a missão da igreja. □



QUANDO DEUS JÁ NÃO RESPONDE

—H. T. Reza

Três incidentes bíblicos revelam a tragédia da separação entre Deus e o homem.

O primeiro encontra-se em Gênesis 3, onde se narra a desobediência de Adão e Eva ao comerem o fruto proibido.

Qualquer que seja a nossa opinião sobre se Deus visitava diariamente nossos primeiros pais—uma pela manhã e outra à tarde—, Gênesis 3:8 pressupõe que quando o Senhor “passeava no jardim pela viração do dia”, Adão e Eva se esconderam. Isto mostra uma separação que se concretizou com a expulsão do jardim dos dois seres humanos e ao ser colocada à porta uma espada inflamada para guardar a entrada. Era como sair dum palácio para viver em águas-furtadas.

O segundo incidente bíblico revela-se nas palavras que Saúl dirigiu a Samuel, depois de ter procurado muitas vezes estabelecer comunicação com o Senhor: “Deus se tem desviado de mim, e não me responde mais, nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos” (I Samuel 28:15).

O pecado aplica sobre o pecador a espada que tortura a sua consciência e o separa de Deus. Ele fez do homem um ser perdido; e Saúl já estava perdido, desesperado, arruinado. Que acontece quando alguém perde Deus? Vive isolado, desiludido e sem segurança. Saúl não se devia ter voltado a reconciliar com Deus. Sofreu morte de covarde.

O terceiro incidente sucedeu 60 anos após a morte de Saúl. (Saúl morreu em 1010 A. C. e Salomão deixou o poder em 930 A.C.). I Reis 11:9 diz: “O Senhor se indignou contra Salomão: porquanto desviara o seu coração do Senhor, Deus de Israel”. Enquanto Salomão obedeceu a Deus, tudo foi bem. Quando se sentiu com poder, riqueza e sabedoria, pensou que era ilimitado e que já não precisava de prestar contas a qualquer. Estabeleceu aliança com nações pagãs, casou com mulheres idólatras, construiu altares a outros deuses e acabou por adorá-los. Corrompeu a sua religião apartando-se de Deus e, então, Deus “se indignou contra Salomão”.

Estes três exemplos representam muitos outros ocorridos ao longo da história. É uma tragédia irreparável cortar as boas relações com Deus. Por compreender esta situação é que o Senhor Jesus declarou haver um só pecado que não podia ser perdoado: o da blasfêmia contra o Espírito Santo. Na dispensação da graça há maior acesso pessoal a Deus, pois não se precisam representantes que falem por nós. Jesus Cristo é o único Advogado e Ele já pagou o preço por nossos pecados.

“O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido” (Lucas 19:10). Richard Taylor diz que “ninguém permanece perdido quando achado por Jesus; e ninguém permanece achado se se aparta de Jesus”.

O Dr. H. Orton Wiley exortou os seus ouvintes a viverem tão perto de Deus que não haja lugar para o diabo; a questão não é andar perto do precipício sem cair, mas andar o máximo afastado dele para estar mais protegido por Jesus Cristo.

O que equivale a dizer que não nos devemos arriscar: se queremos que Deus nos fale, procuremos nós falar com Ele. “Meu Deus e eu andamos juntos”—que sejam palavras de um canto real e profundo do nosso ser. □

peessoas que nunca conheci

Tenho conhecido diversas classes de pessoas em muitos lugares e sob várias circunstâncias. No entanto, existem dois tipos de pessoas que nunca conheci. Nem creio que existam.

Nunca conheci uma pessoa a quem Deus não ame e a quem Jesus Cristo não possa salvar.

O amor de Deus é tão grande, profundo e amplo que o pior dos pecadores não pode escapar dos seus limites. Neste mundo existem pessoas que têm sido salvas de toda a forma e grau de pecado. Quaisquer que sejam a natureza e a duração de seus pecados, quando se arrependem e confiam em Cristo, são perdoadas imediata e completamente.

Você pode afundar-se tanto que até os amigos o abandonem. Há casos em que os pais se dão por vencidos quanto aos filhos ímpios. Entretanto, não existe homem ou mulher tão mau que Deus deixe de amar e não possa salvar. O convite do evangelho: "todo aquele que nele crê" (João 3:16), é a declaração mais democrática do mundo. O pecador pode ser salvo mediante uma simples condição: "Arrependimento dos seus pecados e fé no Senhor Jesus Cristo".

É uma experiência comovente pregar o evangelho a enorme multidão, sabendo que Deus ama a todos e que Cristo pode salvar a quantos escutem a Sua voz.

Nunca conheci uma pessoa de quem eu não tenha podido aprender.

Quem quer que seja, faça o que fizer na vida, tem algo de valor que me pode dar uma lição. Tenho aprendido lições importantes de pessoas que nunca frequentaram a escola. Tanto de vagabundos e de mendigos, como de mestres e de "triunfadores".

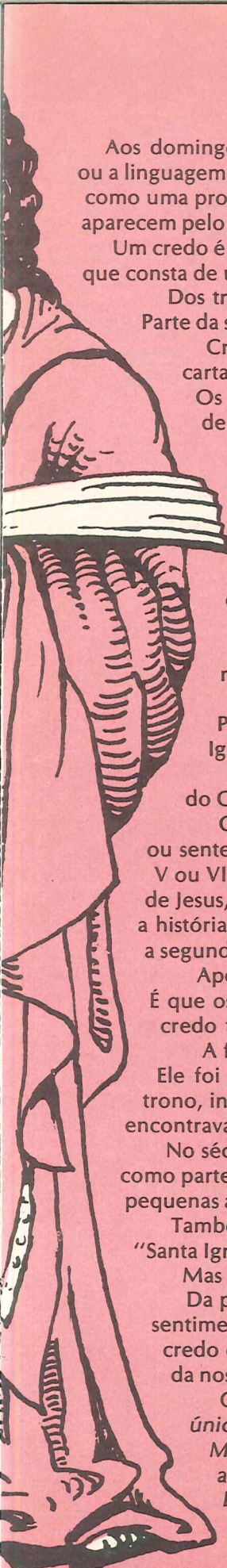
Quando eu era pequeno, o melhor conselho que meu pai me deu, foi: "Aproxima-te de pessoas mais inteligentes que tu. Algumas vezes sentir-te-ás idiota; mas, apesar disso, terás oportunidade de aprender". Não me tem sido difícil seguir este conselho. Tenho aprendido de todos aqueles com os quais travei conhecimento na viagem da vida.

Também ensinei. No entanto, mesmo como professor de carreira, aprendi dos estudantes quando parecia que eles não estavam a aprender de mim. A mente sem preconceitos nunca carece de instrutores. □ —W. E. McCumber

o credo apostólico

—Betty S. Everett





Aos domingos, em muitas igrejas não obstante o distintivo denominacional exterior ou a linguagem em uso no interior, são repetidas as mesmas palavras durante o culto, como uma profissão de fé e crença: as palavras do Credo dos Apóstolos. Se não são pronunciadas, aparecem pelo menos escritas na maioria dos hinários.

Um credo é simplesmente uma breve declaração de fé. Não é uma "confissão de fé", que consta de uma exposição maior e mais detalhada, de acordo com a posição de determinada igreja.

Dos três credos mais universalmente aceites, o Credo Apostólico é o mais popular.

Parte da sua aceitação reside na sua simplicidade e concisão.

Credos, ou declarações de fé, foram usadas na Igreja Primitiva. No capítulo 6 da primeira carta a Timóteo, Paulo recorda-lhe a "boa confissão diante de muitas testemunhas".

Os teólogos crêem que esta confissão se referia a uma simples declaração de fé de Timóteo—provavelmente em Cristo como o Filho de Deus; e na Sua ressurreição e ascensão.

No século II, quando a Igreja se espalhou pelo mundo conhecido, crenças perturbadoras começaram a penetrar no seu seio. A mais perigosa incluía a negação da humanidade de Cristo, ou a crença de que Ele apenas parecia ser humano e assim sofreu.

Outra declarava que, para a salvação, o conhecimento era mais importante que a fé—conhecimento dado a poucos, de modo que o homem comum não era capaz de o receber.

Para combater essas heresias, os líderes da Igreja começaram a usar credos (do latim *credo*—eu creio) quando batizavam os que se convertiam. Essas declarações eram breves e fundamentais para a fé cristã. Usavam-se não apenas como uma oportunidade de alguém ao ser batizado declarar a sua fé, mas também como sinal contra aqueles que mantinham crenças falsas.

Cerca do ano 150 (A.D.) era usado nalgumas igrejas o seguinte: "Creio em Deus Pai Todo-poderoso, e em Cristo seu único Filho nosso Senhor, e no Espírito Santo, na Igreja Santa, na remissão dos pecados e na ressurreição da carne".

Embora nesse tempo as igrejas usassem grande variedade de credos, foi o começo do Credo Apostólico como hoje o conhecemos.

O Credo foi crescendo à medida que diferentes pessoas lhe acrescentavam frases ou sentenças. O nome veio-lhe duma lenda divulgada entre os cristãos, cerca do século V ou VI, embora não haja certeza de quando ou onde. A lenda diz que a seguir à ascensão de Jesus, os apóstolos se reuniram no cenáculo para escrever sua fé. De acordo com a história, Pedro começou com a primeira declaração de fé, depois Tiago e João acrescentaram a segunda e, assim, todo o grupo à volta. Dessa reunião resultou o Credo Apostólico.

Apesar de mais tarde ter sido comprovada a impossibilidade da lenda, o nome permaneceu. É que os cristãos concordaram que a ter havido tal reunião dos apóstolos, o credo teria facilmente surgido, uma vez que abrangia todas as crenças por estes abraçadas.

A forma actual do Credo apareceu provavelmente em Burgundy, cerca do ano 750. Ele foi gradualmente substituindo os outros credos. Quando Carlos Magno subiu ao trono, incrementou-o, pois o imperador gostava da uniformidade nos cultos da igreja e encontrava-se em posição de esperar que assim se fizesse.

No século XVI, quando nasceu a Reforma, a Igreja Evangélica tomou o Credo Apostólico como parte da sua herança. Hoje, tanto a Igreja Católica como a Evangélica o usam com pequenas alterações de palavras.

Também entre os evangélicos existem algumas alterações de denominação para denominação: "Santa Igreja Cristã" ou "Santa Igreja Universal".

Mas as diferenças são mínimas. Nenhuma delas destrói o significado básico e a fé do Credo.

Da próxima vez que você disser estas palavras na sua igreja, faça-o com reverência e sentimento. Não somente testifica publicamente da sua fé, mas também está a usar um credo que o liga aos primeiros cristãos e aos de todo o mundo presente e do futuro. As crenças da nossa fé encontram-se resumidas no Credo Apostólico:

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra, e em Jesus Cristo Seu único Filho, nosso Senhor, o Qual foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, sofreu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao inferno, ao terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu ao Céu, está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso, donde há-de vir julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Universal, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém. □

o binómio da vida vitoriosa

Aprendemos nos bancos da escola que binómio é uma quantidade algébrica composta de dois termos ligados pelos sinais + (mais) ou - (menos).

O binómio da vida vitoriosa é também uma quantidade cujo valor numérico não vem expresso nos compêndios. Os seus dois termos, ligados pelo sinal + (mais), são: Jejum e Oração.

É um meio pelo qual procuramos a graça de Deus. Às vezes com a finalidade de obter uma mercê, outras vezes para Lhe manifestar gratidão por qualquer bênção recebida e ainda por simples comunhão com Ele.

Biblicamente, o jejum não é apenas deixar de comer. Quando não comemos por estarmos zangados, não é jejum, é ira; se não temos comida, é pobreza, é fome e não jejum; se nos falta vontade para comer, é fastio e não jejum; se o médico nos proíbe de comer, é uma prescrição para nos evitar algo prejudicial à saúde ou a preparação para intervenção cirúrgica ou medicamentosa. Também não é jejum. O jejum é deixar de comer e orar.

O crente que pretende viver vitoriosamente deve habituar-se à prática deste binómio, "Jejum e Oração". É um preceito antigo e Deus se agradou sempre da sua prática entre o Seu povo. Em II Pedro 2:8, referindo-se a Ló, nós lemos: "Porque este justo, habitando entre eles, afligia todos os dias a sua alma justa, pelo que via e ouvia sobre as suas obras injustas". Adam Clark comentando Levíticos 16:29 diz que afligir a alma é o mesmo que jejum". Portanto o jejum vem dos tempos patriarcais.

Devemos regar o nosso jejum com oração. É perigoso jejuar e não orar. O diabo pode aproveitar a nossa natureza enfraquecida pelo jejum e impedir as bênçãos que esperávamos. Cremos que ele julgou que o físico do Senhor Jesus, depois de 40 dias e 40 noites sem comer, estava propício a ceder; mas, o nosso bendito Salvador disse-lhe: "Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus" (Mateus 4:4).

Neste binómio o diabo substituiu o + (mais) por - (menos). Às vezes ele recomenda o jejum. Como quando mandou a 40 homens que jejuassem para, sob juramento, matar a Paulo. Ele mandou jejuar somente. Nada de oração.

O jejum colectivo, tal como o mencionado, era feito com manifestações pseudo-piedosas. Os comungantes cingiam sacos sobre os lombos e punham cinza sobre a cabeça. Isso impressionava sobremaneira toda a gente. Era um quadro deveras espectacular e tudo era acompanhado de lamúria, choraminga, lamentação. O diabo sabe que essas coisas exteriores grangeiam-lhe muitos adeptos. A Paulo, porém, o Senhor preparou um mensageiro na pessoa do seu sobrinho para o avisar.

É verdade que em Mateus 11:21 e em Lucas 10:13 o

Senhor Jesus fez menção de arrependimento com saco a cinza, mas Ele se referia a uma prática daquele tempo, daquelas cidades pecaminosas. Para nós, porém, saco e cinza simbolizam humildade, porque em Mateus 6:16 o Mestre ensinou como devemos jejuar: "E, quando jejuardes não vos mostreis contristados como hipócritas; porque desfiguram os seus rostos, para que aos homens pareça que jejuam... porém tu, quando jejuares unge a tua cabeça e lava o teu rosto para não pareceres aos homens que jejuas, mas a teu Pai que está em oculto; e teu Pai que vê em oculto, te recompensará".

Concordamos que uma igreja ou um grupo de fiéis combinem um dia para jejum colectivo, mas, sem ostentação e com o propósito de louvar ao Senhor, manifestando gratidão pelas bênçãos recebidas; ou para apresentar-Lhe algum problema que deve traduzir-se em salvação de almas, santificação de crentes; ou a favor da obra missionária no mundo, cura de enfermos e outros casos que possam surgir na vida da igreja.

O Senhor Jesus falou acerca do poder deste binómio "Jejum e Oração" quando disse: "Mas esta casta de demónios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum" (Mateus 17:21).

A fusão destes dois elementos é uma arma poderosa que Deus pôs nas nossas mãos. Paulo disse: "Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas" (II Coríntios 10:4). Cremos que o binómio "Jejum e Oração" entra neste conjunto das armas poderosas da nossa milícia.

Havia jejum que era mera formalidade e ainda há hoje. Disseram um dia ao Senhor Jesus: "Por que jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, e não jejuam os teus discípulos?" (Mateus 2:18). Não contestamos o jejum dos discípulos de João, mas, quanto aos dos fariseus, sabemos que eles eram hipócritas. Jesus respondeu-lhes: "Podem, porventura, os filhos das bodas jejuar, enquanto está com eles o esposo? Enquanto têm consigo o esposo, não podem jejuar" (Marcos 2:19).

O tempo de jejuar chegou

para os discípulos.

É hoje.

E precisamos

activar

a prática

de jejum e

oração por-

que o Senhor

brevemente

estará de volta. O

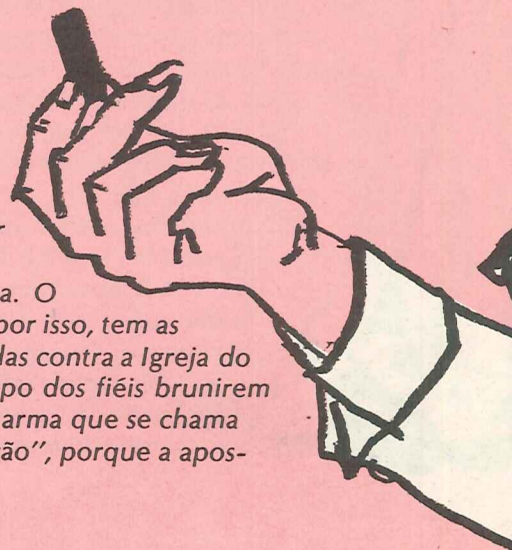
diabo sabe e, por isso, tem as

armas apontadas contra a Igreja do

Senhor. É tempo dos fiéis brunirem

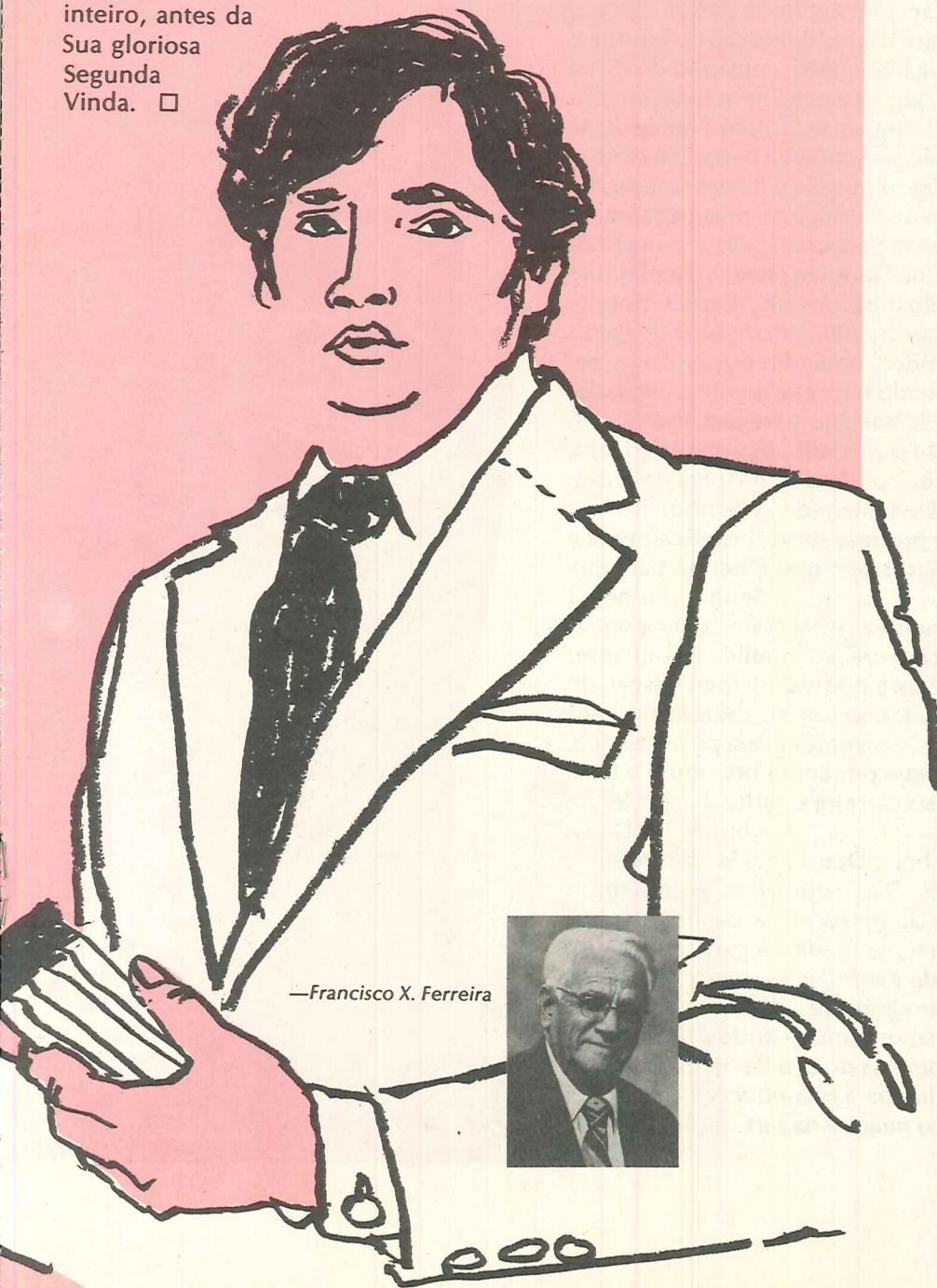
esta poderosa arma que se chama

"Jejum e Oração", porque a apos-



tasia campeia desenfreada entre os cristãos: há crentes nominais que desonram o nome de Deus com as suas vidas de pecado e vergonha; há igrejas frias, moribundas, que precisam fortalecer-se; há organizações pseudo-cristãs que, à semelhança dos que seguem os ensinamentos de Balaão, entram nas congregações para lançarem tropeços aos crentes; há governos infiéis, déspotas que mandam fechar igrejas e metem os fiéis na cadeia; há pastores e missionários presos por causa da fé; estão a ensinar nas escolas aos nossos filhos que Deus não existe, que Deus já morreu!... O filho dum pastor entrou numa sala de aula e viu escrito no quadro preto: "Deus é atrevido".

Essas coisas clamam pelo nosso "Jejum e Oração". Deus está a contar conosco para esta grande batalha. Vamos orar e jejuar para que o Senhor nos dê um avivamento em todas as igrejas e em todos os campos missionários no mundo inteiro, antes da Sua gloriosa Segunda Vinda. □



—Francisco X. Ferreira

fé sólida e dinâmica

Uma fé superficial leva a praticar uma religião superficial. Aquela depende das circunstâncias que nos envolvem e motivam. Neste caso, quando as circunstâncias que enfrentamos são negativas, recorremos a Deus para apoio e ajuda; pouco depois, o fervor da nossa fé murcha, descuramos a comunhão diária com Deus e nos afastamos dos caminhos santos para trilharmos as veredas que vamos construindo sem a orientação divina.

Temos, então, uma fé superficial posta em prática, que origina uma religião superficial, esporádica, que não está disposta a comprometer-se a sério e a pagar o preço.

Jesus falou contra aqueles que têm uma fé "morna", e não se mostram nem quentes nem frios: discípulos de circunstâncias. Mas aquele que pratica uma religião superficial, não é digno da ajuda do Senhor.

O nosso compromisso com Deus deve ser total: comprometemo-nos com Ele ou, então, rejeitamo-LO.

Consideremos nossas prioridades. Que o Senhor ocupe sempre o primeiro lugar na vida! □

Durante o reinado de Acabe e Jezabel, Israel, a nação que Deus escolhera, parecia sufocada pela religião idólatra. Dera-se a invasão de mais de 450 profetas de Baal, 400 profetas de Astarote, a construção de templos aos ídolos e a promoção, em Samaria, do culto degradante à deusa da fertilidade. Além disso, quase todos os profetas de Jeová tinham sido assassinados às ordens da terrível Jezabel.

No meio do caos espiritual há, aqui e além, manifestações do poder de Deus. Em grutas ou em covas, o Senhor cuidava de alguns homens que haviam de alimentar a chama da lâmpada divina. Nem tudo estava perdido. O Senhor era, ainda, o Deus de Israel!

Um homem piedoso, Obadias, mordomo do rei, teve a coragem de desafiar a fúria insana da rainha Jezabel e o despotismo de Acabe, escondendo 100 profetas de Jeová e alimentando-os com o risco da própria vida. O Senhor cuidou dos profetas e honrou a fé prática desse mordomo que usou os seus talentos para salvar ministros do Altíssimo.

Deus também conservara a vida do profeta Elias. Foi alimentado por corvos junto à gruta do ribeiro de Quirite e a sua alma achou consolo na presença constante do Senhor e da Sua Palavra.

Para a viúva de Sarepta, o milagre da multiplicação da farinha e do azeite mostrava que Deus estava bem perto, cuidando dos Seus filhos. Ele dá pão para a boca, mas muito especialmente, o alimento para a alma, mesmo em tempo de secura espiritual. Nunca deixa vazio de fé o coração que n'Ele confia!

Acima de tudo, Jeová reafirmou que Ele é a ressurreição das nossas esperanças—quando o filhinho dessa viúva foi milagrosamente trazido à vida pela oração do profeta Elias.

Mas a maior prova da presença de Deus em Israel naqueles dias tenebrosos foi, sem dúvida, o duelo espiritual no Monte Carmelo.

Desproporção incrível: 1 contra 430! Um homem de Deus, Elias o tesbita, contra 450 profetas de Baal, apoiados pelo palácio real e por um povo idólatra. Que espectáculo impressionante: dum lado, a dança sensual de 450 devotos de Baal, num frenesi histórico ao redor do altar silencioso e frio. Do outro lado, o profeta de Deus, calmo e confiante, desafiando o rei e os deuses, na força de Jeová.

Ele sabe que só o Senhor é Deus!

O clamor de 450 vozes de profetas soava, histericamente e em vão, no alto do Carmelo. Será necessário que gritemos para que o Senhor nos ouça?

No silêncio do meu coração, ó Senhor, eu sei que Tu me escutas e respondes, quando vou a Ti em oração humilde e confiante!

À simples oração de Elias, cheia de poder e fé, fogo desceu do céu e consumiu até as pedras do altar. Retorna o calor espiritual à fé enregelada pela idolatria.

E o povo de Israel, que coxeara por anos entre Jeová e Baal, experimentou mais uma vez na sua carreira espiritual, o poder do verdadeiro Deus:

Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!

Senhor, dá-me a visão de Elias—que olhou para além da tempestade que ameaça, da opressão que esmaga, da idolatria que cega, da secura que queima a terra e a alma—para crer que Tu virás em meu auxílio, mesmo quando a tribulação angustiar a alma e me fizer vítima de solidão ou desalento.

Dá-me a fé para crer como Elias, mesmo quando não enxergar nem uma pequenina nuvem de promessa no céu das circunstâncias.

Dá-me a humildade de Elias para reconhecer o Teu poder eterno e minha insignificância sem o milagre da renovação diária do teu poder em mim. Amém. □

O SENHOR ERA AINDA DEUS!

—Manuela C. Barros





A JUSTIÇA DIVINA

—G. F. Alee Richland

De todos os atributos aplicados a Deus, nenhum é mais admirável que a Sua absoluta, universal e eterna justiça.

Exaltamos a Sua verdade, o Seu amor e misericórdia. Ignorar estas qualidades divinas tornaria impossível obter a mínima compreensão de

© PROVIDENCE LITHOGRAPHY

nosso Pai celestial. Entretanto, na base destas e como parte do carácter divino, encontra-se a justiça de Deus.

Definimos a justiça como equidade, igualdade, imparcialidade, conformidade com princípios rectos. Estas qualidades situam-se nas relações de Deus com o homem. Nunca se desviaram de forma alguma do seu curso.

Na Bíblia há declarações positivas, tanto em promessas como em acção, da justiça indefectível de Deus no Seu trato com os homens. No cântico de Moisés, o grande legislador e líder, acha-se esta afirmação: "Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos juízo são: Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e recto é" (Deuteronomio 32:4).

Mesmo quando o Senhor se viu na obrigação de actuar contra malfeitores, os resultados comprovaram a previsão e a justiça de Deus. O agnóstico que aponta as ordens dadas a Josué de destruir os habitantes da terra prometida, como acto de crueldade que não se harmoniza com o amor e a misericórdia, desconhece as razões ou tem preconceitos que o levam a ignorá-las. Observa apenas uma parte do cenário e ignora o quadro total.

Deus sabia que se permitisse a essa gente pagã permanecer na terra prometida, com o tempo se juntaria ao povo escolhido e as suas práticas malignas corromperiam os conquistadores. Dessa forma se frustraria o plano santo de Deus e se perderiam todas as gerações, raças e nações. Deus não teria sido justo com os biliões que ainda não tinham nascido, ao permitir o seu proceder corrupto. A destruição de Sodoma e Gomorra foi mais prevenção que condenação. Os seus habitantes eram maus; mas o mais importante diante de Deus era a transmissão de suas práticas devassas a outras áreas, tribos e nações.

Em Jesus temos o exemplo perfeito da justiça divina. Nos evangelhos não há indicação de que tenha violado a lei da justiça e da igualdade atribuindo reconhecimento especial a alguém por causa da sua riqueza, posição ou influência. Embora houvesse entre os Seus seguidores indivíduos ricos e poderosos, dos escolhidos para apóstolos só um se podia considerar rico e com certa posição. No entanto, conheceu o desprezo social. As igrejas que procuram a aprovação de Deus devem seguir o exemplo do nosso Salvador.

Em Actos, três vezes Cristo é chamado "o Justo". Na sua vigorosa censura aos que mataram Jesus, Pedro declarou: "Vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida" (Actos 3:14). Quando Estêvão acusou os líderes judeus de entregarem e matarem "o Justo", selou o seu próprio testemunho com a morte. Quando Paulo se defendeu depois de ter sido preso

em Jerusalém, afirmou que no momento da conversão recebera a promessa que fora escolhido por Deus para ver "o Justo".

Embora Deus Pai seja ao mesmo tempo justo e misericordioso, o perdão dos pecados só nos é dado por meio do sacrifício expiatório de Seu Filho (I João 1:9). Talvez alguém diga: "Com que direito pode um Deus justo perdoar a um indivíduo que prejudicou um terceiro? Somente o que recebeu a ofensa o pode fazer".

Nós respondemos: "Ao encarnar e ao assumir a fraqueza humana, ao sofrer como nenhum outro, ao perdoar a quem O maltratava, ao morrer em seu lugar e por seus pecados, o Senhor encontrava-se em situação de poder perdoar aos pecadores arrependidos que tinham ofendido outros—e permanecer Justo".

A justiça é a lei de Deus referente a nós. Cristo é nosso exemplo em tudo e o Deus Pai exige que os homens pratiquem a justiça. Ele disse que no juízo testificará contra aqueles que viverem injustamente: "Serei uma testemunha veloz contra os feiticeiros e contra os adúlteros, e contra os que juram falsamente, e contra os que defraudam o jornaleiro, e pervertem o direito da viúva, e do órfão, e do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos exércitos" (Malaquias 3:5).

Deus declara na Sua Palavra que embora os pecadores não vejam a necessidade de justiça e honradez, os cristãos compreendem este princípio: "Os homens maus não entendem o juízo, mas os que buscam ao Senhor entendem tudo" (Provérbios 28:5).

O princípio de justiça encontra fundamento na epístola de Tiago: "Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Quem fala mal de um irmão, e julga o seu irmão, fala mal da lei, e julga a lei" (Tiago 4:11).

A justiça é a chave da grandeza nacional: "O rei com juízo sustém a terra" (Provérbios 29:4).

A declaração é confirmada pela história. Qualquer nação que tenha desprezado a justiça, definha ou sofre a destruição total. O antigo Egito, os impérios persa e romano, são exemplos desta verdade.

A recompensa do justo. A promessa de recompensa para os que praticam o princípio de justiça é clara na Palavra de Deus. Também se pode inferir dum exame minucioso do seu carácter. Na Bíblia a palavra *justiça* é sinónima de *rectidão*. São inseparáveis. O Senhor promete ao justo: "Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas" (Apocalipse 21:4). Podíamos acrescentar: "Também não haverá injustiça".

Sabendo que nosso Pai celestial é fiel às Suas promessas, prossigamos até ao fim; então, veremos o Justo face a face. □

a obra da fé

—J. Andrés Donnola

A fé é o pilar que sustém o mundo cristão. É o grande gerador e receptor de energia celestial que nos leva dia a dia, não só a ouvir a Palavra de Deus, mas a crer nela e, conseqüentemente, a agir em conformidade com ela.

A equação é simples: receber a mensagem de Deus através dos sentidos; crer nela; e pô-la em prática.

Vejamos a última parte.

O plano de Deus precisa de bons executantes. A obra da fé, para se concretizar, precisa da intervenção activa de todos. Assemelha-se a uma grande orquestra em que toda a congregação cristã conhece a partitura (a Palavra de Deus); mas se não trabalharmos de acordo com aquilo que o Maestro nos ensina, os esforços serão inúteis. Isto quer dizer que o crente não pode ficar na atitude fácil e cómoda de crer simplesmente. A fé precisa de obras. Estas são o fruto de todo o procedimento que tem como elo a fé.

A Bíblia ensina: "Que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?" (Tiago 2:14). Por outro lado acrescenta: "Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?" (Tiago 2:20).

De que serve pregar, ensinar, aprender, receber e crer, se não praticamos? O apóstolo Tiago esclarece: "Se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, e algum de vós lhe disser: Ide em paz, aqueantai-vos e fartai-vos, e lhe não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? Assim, também, a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma" (Tiago 2:15, 16, 17). Quer dizer que a fé deve traduzir-se na prática.

Não se trata apenas da crença interior do homem, mas da sua expressão e realização externa.

O mundo necessita de obreiros dedicados da Palavra de Deus. É bela a missão de estender a mão para ajudar o próximo, de amar os próprios inimigos, de fazer algo positivo, de amearhar grãos de areia para que todos juntos formemos a grande montanha de obras que serão, em última análise, as obras da fé.

Fujamos da indiferença que transfere a mais alguém o cuidado do próximo. Façamos nós por ele o que pudermos. Deus, sem dúvida, nos recompensará. "Porque, assim como o corpo, sem o espírito, está morto, assim, também, a fé, sem obras, é morta" (Tiago 2:26). □

perdoados . . . e depois?

—Mário J. Zani

Existe uma linha de separação entre os não crentes e aqueles que crêem em Jesus. Tal separação não é humana ou racional. Nem sequer é devida ao facto dos cristãos assistirem a uma igreja ou serem melhores ou piores. A divisão é feita pela cruz de Cristo e pela aceitação ou rejeição de Sua graça redentora.

A diferença entre uns e outros é semelhante à que existe entre um cemitério e um mercado. No primeiro há morte, silêncio, tristeza e túmulo; no outro há vida, sons, movimento. A Bíblia menciona duas opções: ou mortos em nossos delitos e pecados, ou vivos para Deus. Não se trata de qualidades ou de religião de alguém, mas de aceitar, por fé, Jesus Cristo como Salvador pessoal, ou rejeitá-lo.

Não significa, pois, frequentar ou não uma igreja; nem pensar que os evangélicos são separatistas. O pecado é que provocou a desunião entre Deus e o homem. Certo pregador disse: "Apenas há uma alternativa para o homem: ser parte do problema ou parte da solução. Para se decidir deve exercer a sua própria vontade".

• Desejo compartilhar o positivo e importante que é ter sido perdoado pelo Senhor.

Um jovem perguntou algures: "Que devo fazer depois de obter o perdão dos meus pecados?" Aparentemente muitas pessoas estariam dispostas a esperar pela morte para aceitar a salvação. No entanto, a grandeza do que significa *ser perdoado* devia levar-nos a trabalhar e a crescer na graça de Deus.

Ter escapado da morte deveria animar-nos a comunicar a outros a mensagem da salvação.

Suponhamos que você se encontra com outras pessoas na escuridão dum abismo profundo. Mas, por desejar sair e por outros lhe indicarem o caminho, descobre uma escada que o conduz à luz da superfície. Que faria nesse caso? Esquecer-se-ia dos companheiros por ter encontrado a sua própria salvação?

Neste mundo caminhamos junto ao abismo do pecado. Já não estamos lá dentro, mas podemos tornar a cair. Que faremos para não perder a experiência com o Senhor e anunciar aos outros a salva-

ção? Olhamos para Deus e prosseguimos para o alvo final, a vida eterna. Então, ensinaremos aos outros onde se encontra a escada para que também eles possam sair do abismo. Indicar a saída é anunciar as boas novas. A obra é realizada pelo Espírito Santo e a decisão pertence ao indivíduo. Se todos procedêssemos assim, muitos escutariam a mensagem da salvação.

Por que olhar para Cristo?

Depois de ter confessado os pecados e de estar fora do caminho dos pecadores (Salmo 1), você não encontrará melhor modelo que Jesus. O tentador procurará empurrá-lo para o abismo donde saiu. E ele sabe como e onde atacar. Mas se olhar para Cristo, Ele o ensinará como resistir às tentações do diabo.

Como olhar para Cristo?

É uma faculdade que o crente possui: pelos olhos da fé conseguir ver e compreender aquilo que antes, como pecador, não podia discernir. O perdão de pecados e o crescimento na graça permitir-lhe-ão lançar mão de meios que aumentarão a sua visão espiritual.

A oração, ou falar com Deus, será o primeiro desses meios. Não se trata de repetir fórmulas decoradas, mas de diálogo entre o Pai e o filho.

A leitura da Bíblia trará rumo no meio da confusão, confiança na adversidade, promessa nas fraquezas, alegria nas tristezas e, também, sustento diário para a alma.

A igreja é outro meio de graça para o crescimento. É a comunidade dos fiéis; a agência proclamadora da mensagem da salvação; o lugar onde o crente cresce em santidade. Nela, ele se exercita, fortalece, testifica, pratica o dízimo e dá ofertas.

No caminho cristão não há lugar para monotonia ou aborrecimento. Quem se senta à borda do precipício depois de crer está sujeito a cair.

Que deve fazer, pois, a pessoa já perdoada?

1. Reorganizar a sua vida centrando-a em Cristo. Ele é o melhor modelo.
2. Cortar quanto a ligava à vida passada.
3. Fixar os olhos da fé na Palavra de Deus e no alvo da vida eterna com Cristo.
4. Testificar a outros da salvação para que também eles sejam salvos.
5. Alimentar a sua vida espiritual com os meios da graça (oração, leitura da Bíblia, igreja). □

Deseja receber O ARAUTO DA SANTIDADE?

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

Definir gozo como fruto do Espírito Santo para depois o analisar psicologicamente, equivale a interpretar mal o seu verdadeiro significado. O gozo ou alegria tem uma dimensão emocional que se relaciona legitimamente com as coisas da vida (Salmo 104:14-15). No entanto, o gozo que procede do Espírito Santo possui uma qualidade única. Para a descobrir deixemos que Cristo, por Sua própria experiência, defina a nossa perspectiva.

Na Bíblia, a alegria relaciona-se intimamente com a salvação divina. A redenção de Deus tanto inclui uma demonstração exterior como regozijo interior. O Salmista declarou: "Pois, tu, Senhor, me alegraste com os teus feitos: exultarei nas obras das tuas mãos" (Salmo 92:4). E noutra parte disse: "Far-me-ás ver a vereda da vida; na tua presença há abundância de alegrias; à tua mão direita há delícias perpetuamente" (Salmo 16:11). Também existe alegria na salvação vindoura: "Todavia, eu me alegrarei no Senhor: exultarei no Deus da minha salvação" (Habacuque 3:18).

E. Beyreuther explica: "No Velho Testamento o regozijo ressalta da gratidão e confiança em Deus, que constantemente tem ajudado Seu povo. Com a chegada do Messias Ele acabará com a miséria e a desgraça num acto final de libertação. No Novo Testamento o regozijo volta a Deus, que agora em Cristo inaugura a idade escatológica da salvação que se consumará gloriosamente na segunda vinda de Jesus Cristo".

Nos primeiros capítulos do Evangelho de Lucas sente-se grande alegria na alvorada do dia da salvação. Ressoa com frequência a nota de alegria enquanto João Batista e o próprio Jesus se regozijavam na salvação que tinha chegado (João 3:29; Lucas 10:21). Aqui se situa a diferença entre a alegria do Velho e do Novo Testamentos. Os escritores do Novo Testamento declaram que o gozo se encontra no sofrimento e na libertação. O gozo relaciona-se primordialmente com o triunfo de Deus sobre o mal; não está no sofrimento em si, mas porque através dele se alcança o triunfo.

Neste ponto o Novo Testamento provê nova perspectiva do Velho. Jesus Cristo não só é o Esperado, mas também o Messias sofredor. Ele regozija-se através do sofrimento que anuncia a salvação.

Em Hebreus 12:2 há certas referências: "Jesus. . .

pelo gozo que Lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à dextra do trono de Deus".

Ao cumprir a vontade do Pai completou-se a alegria de Jesus. Ele sofreu pelos pecados do mundo, o que não foi fácil nem cómodo. No horto exclamou: "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lucas 22:42). Hebreus 5:8, 9 explicita: "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu; e, sendo ele aperfeiçoado, veio a ser a causa de eterna salvação".

Isto mesmo se repetiu no cenáculo quando Cristo mostrou desejo de compartilhar com os discípulos o Seu regozijo: "Vós chorareis e vos lamentareis e o mundo se alegrará, e vós estareis tristes; mas a vossa tristeza se converterá em alegria" (João 16:20).

Se o regozijo de Cristo é modelo, então o gozo, fruto do Espírito, não flutuará com o nosso estado emocional. Antes será júbilo constante e profundo que provém do conhecimento da salvação divina. Esta libertação consegue-se depois de se acompanhar o Mestre até Getsemane, pronunciar palavras de submissão total e de estar mortos para nós mesmos".

Ao experimentar o perdão dos pecados, desfrutamos gozo. Algumas vezes indescritível e glorioso. Se conhecemos a realidade da obra completa de Deus na vida e que nossos pecados foram cravados na cruz, teremos então gozo puro e profundo, manifestação do amor perfeito.

No século XVIII, João Wesley captou a mesma perspectiva: "O gozo cristão reside na obediência, em amar a Deus e guardar Seus mandamentos; mas não se deve cumprir como se se fosse perdoado e aceite por Deus mediante obra de justiça própria. Fomos perdoados e aceites pela misericórdia de Deus em Jesus Cristo. Mas regozijamo-nos ao andar em graça, em amor santo e em obediência. Alegramo-nos ao saber que fomos justificados por Sua graça", que a não recebemos em vão e que o Senhor nos reconciliou consigo mesmo. Ele nos prepara para a luta e alegremente pelejamos "o bom combate da fé" (I Timóteo 6:12). Rejubilamos em Cristo que, por fé, vive em nossos corações. Este é o nosso gozo, que o nosso Pai trabalha até agora (João 5:17); portanto, dediquemo-nos à Sua obra e que Ele faça em nós o que mais Lhe aprouver. A Ele glória e louvor por todos os séculos. □



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5° E., 1000—Lisboa.

Faça uma assinatura, enviando a importância de US\$2.00 para qualquer dos endereços acima indicados.



✓ **Que aconteceu à arca do concerto? Alguém saberá? Foi colocada no Templo (II Crônicas 5:2-10), mas onde se encontra agora?**

Ninguém sabe se ela existe ou onde. De acordo com Apocalipse 11:19, João viu no céu aberto o templo de Deus e a arca do concerto. Assim como o templo não era o que existiu na terra, provavelmente também a arca não era a que existia na terra. A maioria dos estudiosos da Bíblia interpretaram simbolicamente esta visão. Por exemplo, G. E. Ladd diz: "É um quadro simbólico de que agora o concerto está confirmado, porque o reino de Deus já chegou".

✓ **Destina-se I Coríntios 11:4-15 ao que a passagem diz, só aos judeus, está antiquada ou era uma ideia absoleta do apóstolo Paulo?**

Estou certo que Paulo pretendia dizer o que declarou. O objectivo da passagem é simples: as mulheres cristãs que adoram a Deus não devem ignorar, em nome da liberdade, os costumes culturais, pelos quais a sociedade julga o seu comportamento. Essa atitude poderia criar más interpretações e trazer opróbrio à igreja. Paulo exortou-as a reconhecer e honrar um padrão de autoridade mantido desde a criação. Essa autoridade em ordem descendente é: Deus, Cristo, homem (marido), mulher (esposa). (O facto de Cristo ser apresentado no Novo Testamento como igual e subordinado a Deus, mostra que o conceito de submissão da esposa a seu marido não significa que ela seja essencialmente inferior ou desigual a ele).

A passagem requer homens e mulheres exercendo sua liberdade em Cristo na adoração pública de modo que não envergonhem a igreja aos olhos do mundo.

✓ **Podia dizer-me, por favor, que significa Mateus 16:19? Obrigado.**

O versículo diz: "Eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mateus 16:19).

A pessoa que tem as chaves, tem autoridade para admitir alguém ou negar-lhe passagem. Pedro (e os outros apóstolos—Mateus 18:18; João 20:23) exerceu esta autoridade pregando o evangelho, o qual estabeleceu as condições para se entrar no reino de Deus. Por exemplo, desta forma Pedro abriu as portas do reino àqueles que o ouviram pregar no Pentecostes e "receberam a sua palavra" (Actos 2:36-41). Quando Paulo e Barnabé regressaram a Antioquia depois da sua primeira viagem missionária, "relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles e como abria aos gentios a porta da fé" (Actos 14:27). Como A. T. Robertson expressou: "Todo o pregador usa as chaves do reino quando proclama os termos da salvação em Cristo".

Atar ou desatar eram termos "rabínicos" para proibir ou permitir algo. Os apóstolos declaravam o que estava certo ou errado, o que a igreja podia ou não fazer. Esta autoridade encontra-se ilustrada em Actos 15. Alguns queriam "atar" ou proibir aos gentios a entrada na igreja, a não ser que fossem circuncidados e guardassem a lei mosaica. Mas guiados pelo Espírito Santo, os apóstolos desobrigaram-nos dessa restrição e permitiram-lhes entrar com a condição de fé, de serem em Cristo. Como parte da igreja estavam, porém, obrigados a observar certos requisitos mínimos.

É importante notar que esta autoridade era compartilhada por todos os que pregavam o evangelho e não se reservava unicamente a Pedro. □

Foto por J. B.



**DEPENDE
DE TODOS**

**Crianças
Mulheres
Homens
Jovens**

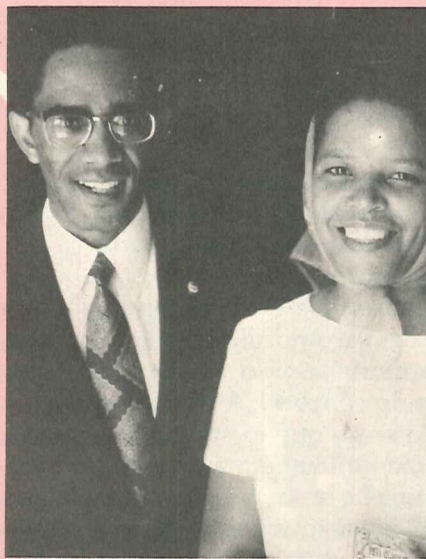
**COMPROMETEMO-
-NOS A**

1. Organizar um departamento de crianças e outro da juventude;
2. Ter programas interessantes e de inspiração baseados no livro de estudo e outros materiais missionários;
3. Incentivar jovens e crianças à compaixão e ao ministério de compartilhar Cristo com os demais, por intermédio da SNMM.

**MENÇÃO
HONROSA**

1. Informação
Livros missionários lidos
= 2X o número de membros da SNMM
2. Inspiração
100% do Orçamento Geral pago
3. Intercessão
Alvo de membros da SNMM=70% do total de membros da igreja local

**SUA IGREJA PODE
SER UMA IGREJA
DE MENÇÃO
HONROSA**



**S N M M
Santidade —
Nossa Missão no Mundo
1980-1985**

